

# A Reforma Gráfica que marcou a imprensa do Brasil

Mudanças gráficas  
e editoriais do  
Jornal do Brasil  
na década de 50  
influenciam até  
hoje o jornalismo  
brasileiro

Ao assumir a direção do Jornal do Brasil, a Condessa Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro sabia: se ele não passasse por uma reforma não sobreviveria. O seu falecido esposo, José do Rio, fora um grande defensor dos classificados na capa do JB e da manutenção de seu projeto gráfico enquanto esteve à frente do jornal. A Condessa, entretanto, estava ciente de que o tradicional JB precisava mudar para atender às exigências de um país que se modernizava.

Nascimento Brito (E), a Condessa, Aníbal Freire e Odylo Costa Filho: a direção do JB antes da reforma



O ano era 1956 e o Brasil fervilhava com as idéias de desenvolvimento e expansão da economia. O mineiro Juscelino Kubitschek acabara de assumir a presidência da República com o seu Plano de Metas, que previa a abertura ao capital estrangeiro e isentava de impostos a importação de máquinas e equipamentos industriais. Com o slogan “50 anos em 5”, Juscelino ainda propôs a construção de uma nova e arrojada capital federal: Brasília.

No contexto cultural e artístico, após a lacuna deixada pela Semana de Arte Moderna de 1922, novas tendências começavam a surgir. Uma das principais delas era a Bossa Nova, movimento musical associado principalmente a Vinícius de Moraes, Tom Jobim e João Gilberto. A Bossa Nova surgiu como um inconformismo com o formato musical da época e acabou ganhando o mundo. O Cinema Novo de Glauber Rocha também foi fundamental para delinear o movimento artístico do final da década de 50 e início da década de 60. Surgido a partir das ações de um grupo de jovens descontentes com o

Ferreira Gullar, Jânio Freitas e Odylo Costa faziam parte da redação do Jornal do Brasil em 1958

fechamento das companhias cinematográficas paulistas, o Cinema Novo tinha traços do Neo-realismo italiano e da Nouvelle Vague francesa, incorporando a busca por um cinema com mais realidade, mais conteúdo e menor custo.

O jornalismo também vivia novos tempos. Com a influência do fazer jornalístico dos Estados Unidos da América, as redações brasileiras passaram a utilizar técnicas como o lead e a escrever o texto em forma de pirâmide invertida. O lead é o primeiro parágrafo de uma notícia e responde, habitualmente, à perguntas básicas: O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como?, e Por quê?. Já a pirâmide invertida é uma forma de organização do texto na qual as informações são passadas em ordem decrescente de importância. Somase a isso a chegada das máquinas de escrever às redações. Assim, dinamismo e objetividade passam a ser características marcantes do jornalismo.

## O Jornal das Cozinheiras

Fundado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, o Jornal do Brasil sempre foi considerado um jornal de vanguarda. A Semana de Arte Moderna contou com o seu apoio e os artistas do movimento tiveram algumas de suas obras divulgadas pelo JB. Foi, ainda, o primeiro jornal do país a introduzir histórias em quadrinhos e caricaturas em suas páginas, além de lançar o primeiro caderno voltado ao público feminino no Brasil.



Em meio à efervescência econômica e cultural da década de 1950, porém, o Jornal do Brasil estava ultrapassado. Suas páginas eram repletas de fios para dividir as colunas e os tipos eram antiquados. Pela má qualidade da impressão, esses elementos borravam durante o manuseio do jornal. Além disso, havia muito poucas fotos para ilustrar as notícias.

O que mais caracterizava o Jornal do Brasil antes de sua reforma, entretanto, era o excesso de classificados, especialmente em sua capa. Os anúncios representavam 80% da capa do jornal e, em sua maioria, ofereciam vagas de emprego a trabalhadores domésticos, o que rendeu ao JB o apelido de “Jornal das Cozinheiras”.

O conteúdo jornalístico do JB também era influenciado pelos classificados. Segundo o jornalista Wilson Figueiredo, que durante 40 anos presidiu o Jornal do Brasil, antes da reforma ele era um periódico “praticamente sem notícias, encostado nos anúncios classificados e vivendo em função destes”.

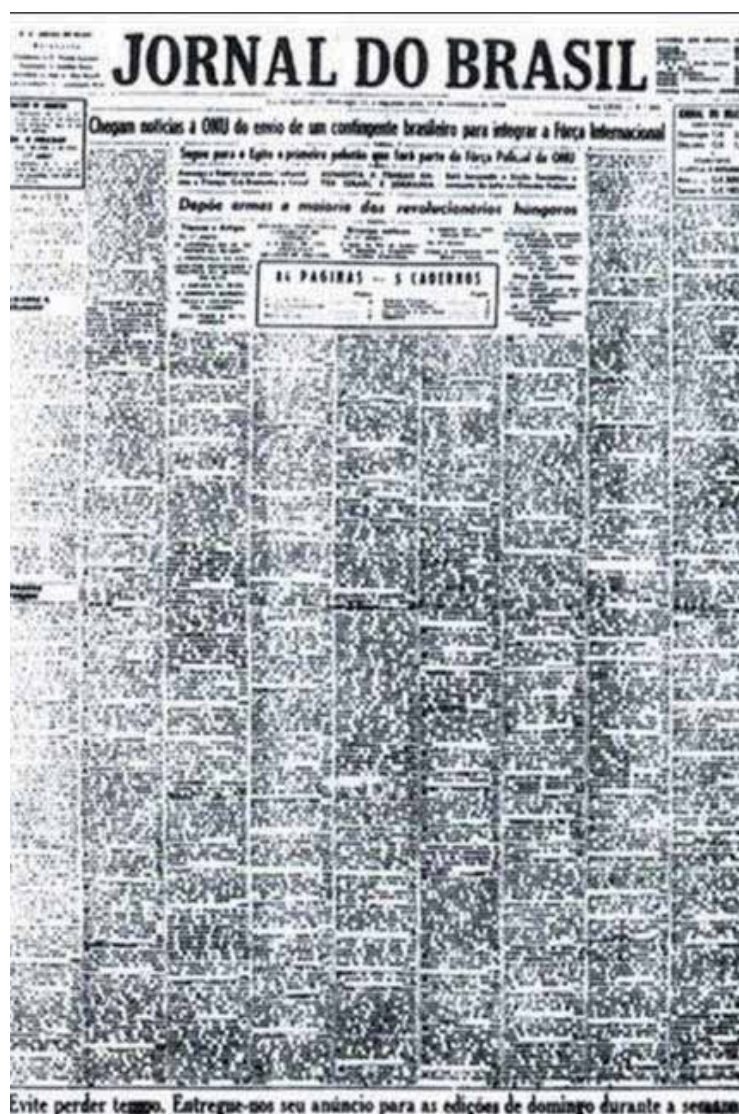
## A Reforma

Apesar de ser assunto recorrente nas redações dos principais periódicos brasileiros da época, uma reforma gráfica exigia muitos investimentos. Aquisição de máquinas para a oficina, contratação e treinamento de profissionais eram os principais deles. Mas era preciso, ainda, alguém para orquestrar mudanças tão importantes. Para isso, os jornais contrataram artistas plásticos que

melhorariam visualmente as publicações a fim de facilitar a leitura.

A redação do JB em 1956 era composta por alguns dos principais intelectuais brasileiros da época. Entre eles estavam Ferreira Gullar, Jânio Freitas e Odylo Costa, alguns dos maiores incentivadores da reforma no jornal. Foram eles que sugeriram à Condessa Pereira Carneiro, então proprietária do jornal, o nome do artista plástico mineiro Amílcar de Castro para a reforma gráfica.

O JB antes da reforma: classificados representavam 80% da capa



### Quem foi Amílcar de Castro?

Nascido em 1920, em Paraisópolis, Minas Gerais, Amílcar de Castro foi desenhista, escultor e artista gráfico. O responsável pela reforma gráfica do Jornal do Brasil na década de 1950 também reformulou *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Estado de Minas*, *Jornal da Tarde* e *A Província do Pará*. Considerado pelos críticos um dos nomes mais significativos da arte



brasileira contemporânea, Amílcar faleceu em Belo Horizonte em 21 de novembro de 2002.

### Da oficina à redação

As mudanças no Jornal do Brasil ocorreram de forma lenta. Em primeiro lugar para não chocar os leitores com o novo projeto, em segundo devido à crise financeira do jornalismo carioca no final da década de 50. A oficina foi a primeira a sofrer modificações, com a aquisição de novos equipamentos gráficos por intermédio de Nascimento Brito, que possuía formação de editor na Universidade de Columbia. As novas máquinas deram o suporte técnico necessário à modernização do Jornal do Brasil.

O próximo passo foi lançar, em junho de 1956, o Suplemento Dominical, primeiro do gênero no Brasil. Criado pelo poeta Reynaldo Jardim, o caderno tinha influências concretistas e assuntos relacionados às artes

plásticas, literatura e ciência. Em sua redação, estavam importantes nomes do meio artístico brasileiro, como Augusto e Haroldo Campos, Mário Pedrosa e Décio Pignatari. Mais tarde, o Suplemento Dominical deu origem ao Caderno B, precursor dos cadernos de variedades e segundos cadernos dos jornais brasileiros.

As influências artísticas de Amílcar de Castro se fizeram presentes durante todo o processo de modernização do Jornal do Brasil. As principais delas eram a arte neoconcreta e a obra do pintor holandês Mondrian, pertencente ao movimento Neoplasticista. A assimetria e o contraste, elementos fundamentais de ambos os movimentos, apareceram, então, para determinar as novas características do JB.

O trabalho de Amílcar de Castro no Jornal do Brasil foi marcado pela experimentação, pela variação e pela liberdade de criação. Aos poucos, ele eliminou os antiquados fios entre as colunas e outros detalhes redundantes, dando espaço para os contrastes entre elementos horizontais e verticais.

A capa do Jornal do Brasil deixou de ser dividida em duas partes simétricas para ganhar elementos dispostos com o equilíbrio encontrado na assimetria. O espaço passou a ser mais bem utilizado e as fotos ganharam destaque, oferecendo suporte visual para o conteúdo do Jornal do Brasil. A adoção da fonte Bodoni, assim como a valorização do espaço em branco, ofereceu mais clareza à leitura.

A diminuição significativa da quantidade de anúncios na capa do

JB, entretanto, foi a etapa mais importante de sua reforma. Para satisfazer tanto aqueles que defendiam a manutenção dos classificados, quanto os que queriam sua eliminação, Amílcar teve que encontrar um recurso intermediário. A criação de uma coluna de anúncios em forma da letra L na capa foi a solução encontrada e tornou-se a principal característica do novo projeto.

### Neoconcretismo

A obra de Amílcar de Castro, tanto nas artes plásticas quanto na diagramação de jornais, seguia influências da arte Neoconcreta. Em entrevista concedida à Revista Bravo! ele explicou suas referências: “Achei o neoconcretismo um movimento muito importante, porque, depois do Max Bill, a turma paulista aderiu imediatamente ao Concretismo: a impessoalidade, o rigor, o cálculo, a obra separada do artista. No Rio de Janeiro houve um contramovimento (o neoconcretismo) que defendia que a arte tinha que ser mais sensível. Aproximei-me desse grupo do Rio porque acho que a arte tem que ter esse lado também.”. Assim, em

seu trabalho, Amílcar utilizava o mínimo de elementos, priorizando a relação entre eles e conjugando o pensamento e a sensibilidade do olhar.



Sobre o processo de diminuição da quantidade de anúncios, Amílcar de Castro revelou: “Tava cheio de anúncio; então, eu ia tirar todos os anúncios pra fazer o jornal. Aí o Brito ficou com medo disso, porque o jornal perdia a característica dele de pequeno anúncio. Então, essa coluna de anúncio ia ficar e ele pediu pra botar o rodapé de anúncio. Eu coloquei uma coluna do lado e o rodapé de anúncio. E todo dia eu pedia pra oficina baixar um centímetro. Então foi baixando pouquinho, pouquinho, até que saísse todo. Quando a altura do rodapé ficou igual à largura da coluna eu mandei parar porque achei bonito e surgiu isso como característica.”

Aos poucos, o JB foi despojando-se de suas características antiquadas. Em um processo que revolucionou da redação à oficina, Amílcar enfrentou preconceitos, pois muitos achavam que “o papel era caro demais para este tipo de experimentações”. Os trabalhadores da oficina, entretanto, entusiasmados com o clima de mudanças do Jornal do Brasil, aceitaram sem muita resistência a modificação de suas tarefas, que incluía a diagramação baseada na quantidade de toques das laudas e suas relações com as unidades de medida tipográfica. O próprio Amílcar fazia questão de ir até a oficina do jornal explicar aos funcionários as novas técnicas. Assim, era eliminada a prática de dispor os elementos da página pouco antes de sua impressão.

Em 1959, o Jornal do Brasil era o jornal mais arrojado do país. Segundo o jornalista Alberto Dines, “Amílcar de Castro, escultor e artista gráfico,



trouxe para a imprensa brasileira o jogo de espaços e volumes, confronto do horizontal com o vertical, da simetria com a assimetria”.

Seu projeto gráfico serviu de inspiração para as reformas que se seguiram em outros periódicos, como a Folha da Tarde. Atualmente, o jornal brasileiro que mais apresenta influências da reforma

Resultado final do projeto elaborado por Amílcar de Castro com os classificados em “L”

do JB é o Correio Braziliense. Suas páginas lembram a organicidade encontrada por Amílcar de Castro no Jornal do Brasil. O “L” reaparece no Correio como recurso para introduzir informações de serviços.

Quando perguntado, em entrevista realizada em 1977, quais os jornais influenciados pela reforma gráfica que coordenou no Jornal do Brasil, Amílcar de Castro respondeu: “Não sei nem numerar. No Rio Grande do Sul tem, Belém, Manaus, na Bahia, no Rio mesmo tem vários, Minas tem o Estado de Minas.”

## O desabafo do artista

O responsável pela reforma gráfica que revolucionou a diagramação e o design dos jornais do país concedeu uma entrevista ao Estado de São Paulo em 1998 sobre os atuais projetos gráficos. Amílcar de Castro lamentou que os projetos sejam feitos, em sua maioria,

por escritórios de Nova York, Londres e Madri, deixando de lado as características nacionais e impedindo o desenvolvimento de profissionais brasileiros.

“De um modo geral, acho muito ruins (os projetos gráficos atuais). Gráficamente, os jornais pioraram muito. Há a intenção de botar muita coisa numa página só e essa profusão de títulos e textos, misturada à cor, cria uma confusão muito grande na cabeça de quem vai ler. Há muito mau gosto na cor e na distribuição dos assuntos, fica tudo atropelado. Os jornais de hoje não têm caráter. Você passa pela banca, vê os jornais expostos e, se abstrair o nome, não consegue distinguir qual é qual”. Tal comentário de Amílcar de Castro pode ser aplicado inclusive ao projeto gráfico atual do Jornal do Brasil, com sua quantidade de cores e de estilos.

